


Salinê

**Eu me
chamaria
Antônia**

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2023



Aqui as certezas vacilam.
O tremor essencial que me acompanha não é medo,
mas rigidez,
sob o vento frio da consciência.

Eu errei, amor

Eu errei, amor. Esqueci os pratos na pia, a calça úmida na sala e de regar as plantas há dias. Quando vi, já me tinha sujado os dedos de um sangue que não sei ao certo de quem, e o esfreguei sem ver em tudo que tocava. Evidente, ali, amor, meu erro. Minha carne fraca. Minha moral estúpida. Meu berro de espada, sem deixar de ser rio. A sujeira por baixo das unhas. Me perdoa, amor. Onde eu venho há restos, cicatrizes, muros e um rubor na face. Ainda não soube lavar de mim a minha estrada.

Será possível, amor, contemplar um amor tempo o suficiente para ver seus acampamentos improvisados e encontrar beleza ali, na beira de uma estrada sem governo nem asfalto? Num contínuo às vésperas de alguma melhora. Mas olha, olha justo na pele que se assemelha tanto ao chão do mundo — onde o caos se aparece, dançam as siamesas anáguas do encontro com a vida em sua febre e procissão. Da via láctea a qualquer paisagem do mundo. Todo caos carrega bons goles do melhor da vida.

Lembra quando mirávamos o que parecia abandonado — casas, móveis, gentes —, cujas frestas pariam flores? Aquelas miúdas e amarelas, se abrindo no concreto na força

duma pétala feita de vento e cor. Parecendo até que destino de ruína é ser poesia. Deve ser arte, meu amor, isso de viver e amar de perto. Arte para regar as frestas sem saber exatamente o que vai brotar, mas com uma certeza estranha de que qualquer brotinho é um bem.

Um bem. Talvez seja só isso no final das contas e das estradas. Um bem. Mesmo a dureza do chão recebendo a sombra ardida dum corpo humano, mesmo que esteja costurada à beleza de toda gente uma profunda agonia, o corpo é água e molha o que toca, e se a gente olhar de perto, parece que vai chover, ali, na ferida, no erro, na humanidade não lavada direito. Vem cá, amor, me conta por onde pingas, evitarei trombas d'água. Mas nem sempre.

Às vezes, penso que vim com pouco talento para ser gente. Na verdade, nos tornamos uns inábeis para humanidades, amarrados que somos à ideia suprema duma higiene insustentável — do carácter ao sexo. Um deus limpo e neurótico nos cortando os contornos enquanto assobia certezas. Quando será que nos tornamos tão inexperientes em ser crus? Amor, está tudo bem a gente não equilibrar direito, até o mundo esses dias girou alguns segundos mais devagar, até o mundo, amor, nosso barco arborizado de viajar na experiência de ser gente, se atrasa, imagina a gente que é miúda demais e boia. Me perdoa, amor, talvez eu nunca alcance o limpo. Talvez me torne tromba d'água destrutiva, até enfim encontrar largura de espalhar calma.

Já viu natureza sem beleza caótica ou coisa que morde e mata? Se não viu, por que insanidade essa de pedir isso de gente? Que soluço seco o de querer ser protegido desse bicho grunhindo baixinho no peito humano? Deixa rosnar o bicho, deixa. Aqui e aí. Se no amor, que é tanto, não couber o

bicho com suas patas de estrada suja, onde? Amor, perdoa, até para falar de amor me acomete a bagunça da sala.

Mesmo com mãos sujas de mundo, se regarmos mútuas nossas frestas, há de se ver o que nasça daí. Talvez para conhecer o amor a gente precise apenas assistir ao mundo girando atrasado em torno da luz, enquanto se confunde e chama isso de riso. Há uma imensa leveza nas solas pesadas dos meus pés, basta olhar meus tropeços e meus olhos quando desarmados em ti.

Salva-me antes de ti

Encontrar na mancha
alguma harmonia.
Afeiçoar-se
pelo que se dá espontâneo,
como se dão as coisas maduras do pé
manchando o chão quando ninguém as recolhe.
Achar uma brecha,
um descanso
e naquilo que salta de susto:
— amor, amor, amor —
dizem os primatas bípedes do gênero homo.
E mesmo aos tortuosos *negantes*,
aos amargurados ou de alma poeta,
àqueles desgarrados de vez aos delírios,
mesmo eles
‘os tão livres’
vivem à sombra de um
— amor, amor, amor.
Precisados somos
os famintos,
até algo a negar nos alimenta os vazios.

E seguimos, homos,
ao tortuoso domínio dominical,
conduzindo silencioso e histórico,
desde o sistema nervoso central
— amor, amor, amor!
Parece que é isso
que se dá pelo imprevisto,
o tal,
algo não intencionado
saltando como um filhote,
tropeçando nas beiradas não planejadas do mundo,
e que nos pega assim,
direto na falta que sobra,
nos pondo de quatro a apontar os rabos pro alto,
sobre joelhos honestos,
desarmados no chão.
Viver às vezes parece uma tentativa dramática
de pôr os olhos nos olhos
— de deuses, bichos e gentes —
e *infinitar* as margens
de conter o alagamento do poço
donde se transborda
e por sorte, surpresa, acaso:
amor, amor, amor!
Amor acaso,
mas como um amor redondo,
não um amor quadrado,
um bem *cúrveo*
como são as vontades mais amadas.
Amor, amor, amor!
Cujo nome é paraíso,

destino,
acaso,
filhote.
Um acontecimento destino.
Um gole de promessa divina.
Um paraíso de amor, amor, amor.
Enquanto aqui,
alheia a um *paraisar-me* de qualquer forma,
nadando e vazando às neuroses
e às doenças mais chulas de homos
— mas a promessa, o filhote,
o paraíso, o destino —
acerta-me-nos bem no meio do peito homo,
como acertam as coisas que salvam.
Há sim as coisas outras,
aquelas que nos acertam tanto quanto,
feito os desejos e as invejas,
e é justo na moral que se enredam estes dizeres
— no amor há moral porque na própria palavra
o há —
então dito aqui são dizeres amorais os nossos,
não na negação de um “a” anteposto
mas na concordância absoluta
da *impregnância* inevitável
da cultura sobre minha cabeça,
alma
e intestinos.
Cul-tura,
um adestramento lento e centenário
de venerar,
de cultivar reverência a um sujeito-substância

— amor, amor, amor —
desde o lugar onde etiquetam notícias bem-vindas,
onde se dizem apenas dizeres dignos
de serem lidos por olhos e sentidos por gente.
E por dignas tenha ainda
e apenas
as variações de um rococó latinizado,
numa espécie de fantasia emprestada
lá do supremo norte do mundo,
um herói crístico para nos salvar de/a gente
— amor, amor, amor!
Salvação!
Quiçá uma cura do poço com doses mais ácidas?
Cachaça, sexo, pimenta e naftalina.
Talvez com doses mais duras?
Guerra civil, abuso, novela e deus.
Romance,
o vício disfarçado com açúcar
a falar de coisas lindas e lustradas
derramadas dos pés,
como os seios e as amoras se derramam
quando prontas.
Amor, amor, amor!
Mas com o ardor que *enlatina* os ossos
e nos empurra aos traumas prum
manso paraíso prometido.
Só esqueceram-se,
nós,
que destino de cristo é cruzado.
Mas voltemos ao filhote acaso,
à sorte,

— |

| —

— |

| —